VIDA

DE

SANTA STEPHANIA,

SEGUIDA DE UMA MEMORIA

DO

MOSTEIRO DO SACRAMENTO

EM

ALCANTARA,

PELO

P. JOSÉ DE SOUSA AMADO.

LISBOA,

NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.

Rua do Ferregial de Baixo, 22.

1858.

INTRODUCÇÃO.

Tudo acaba: só a gloria da virtude não morre. Ella é a similhança da eternidade, assim como o espirito em que se deu é a similhança do Eterno.

Nem os aballos da terra; nem as commoções dos povos; nem as revoluções, tão ferteis em estragos e ruinas, tem sido bastantes para eclipsar o brilho da virtude, ou fazel-a esquecer entre os homens.

Por cima da face do imperio romano passaram muitas gerações apostadas a destruir o heroismo dos discipulos da Cruz: o soldado, e o general, o sabio, e o poderoso, o principe, e os ministros porfiaram de raiva no enthusiasmo furioso das turbas para abafar os nobres impulsos do Christianismo nascente; mas em quanto por este meio procuravam o applauso, só tiveram em partilha o desprezo dos vindouros: a gloria coube toda áquelles, que souberam deixar-se vencer pelos tormentos e sacrificios até á morte.

Ninguem hoje ignora as sublimes virtudes de Santa Paula a favor dos Christãos, que a constituiram o modelo das mulheres perfeitas: e quem é que se importa com a pericia, e bravura militar do grande Scipião, com a sincera dedicação dos Gracos, dos quaes descendia, ou com as proezas do primeiro Ce-

sar, com que ella se aparentou? Onde estão os monumentos, que façam recordar um periodo que se diz de gloria, ou o que vale mais, o reconhecimento perenne dos povos, a favor de tão grandes Romanos? Nada existe: nem mesmo alguma lage com simples inscripção, que indique o logar, onde descançam suas cinzas!

A neta de Scipião tomou por melhor vereda. Ella erigiu mosteiros e fundou hospitaes para gloria de Deos, e proveito dos homens; e em quanto assim se havia, sem o ter em vista, lançava tambem os fundamentos que lhe tornariam perennal a memoria por todos os seculos. A Egreja reconhecida celebra a sua festa: quer dizer: consagrou um dia, como monumento, para que não esquecessem o nome e as obras de tão esclarecida heroina, quer pelo lado da natureza, quer pelo da Religião.

Quem celebra hoje, e desde muitos seculos, a memoria do imperador Claudio II, que a historia reconhece como grande capitão, juiz imparcial, e bom principe? Embora por elle fallem tantas proezas: o seu nome ahi jaz no esquecimento, e nunca mais se restabelecerá na lembrança geral dos homens. Elle mesmo se empenhou em viver com melhor fama na posteridade, dirigindo todas as suas vistas a reduzir a crenças absurdas uma virgem innocente: inutilmente. Santa Prisca foi presa, e perseguida até á morte; e se teve a gloria de triumphar deixando-se sacrificar pela fé; não a teve menor em vencer o vencedor de trezentos mil Godos. A Egreja recorda o nome desta esclarecida descendente de familias consulares, todos os annos a 19 de Janeiro.

Em que parte do mundo existem hoje estatuas, que perpetuem a memoria de Marco Aurelio, ou em que academias lhe dirigem elogios para não perecer a fama do philosopho sincero, do militar ousado, e do principe providente?

Um silencio quasi sepulchral succedeu aos dias de tanta gloria, recompensa das virtudes, que não miram além dos tempos, ou que só param nas vantagens da prosperidade presente.

Aurelio pôde contar muitas victorias, e depois ninguem cuidou de lembrar-se delle. No seu tempo, uma boa mãi, Santa Felicidade, alista-se sob as bandeiras da Cruz, sustenta o seu logar com valor; a natureza lhe dava imperio em seus sete filhos, exhorta-os ao ultimo combate, á morte antes do que a transigir n'um ponto só com a *philosophia* do imperador, e ahi tem as gerações de dezoito seculos admirado e celebrado a victoria completa desta familia esclarecida; em quanto que nem sequer se lembra, á excepção de um ou outro, das derrotas dos Marcomanos, e dos Germanos, reforçados pelos Vandalos, Suevos, e Alanos.

Assim é que a gloria da virtude, só da virtude verdadeiramente christã, é immortal, porque não é elemento de vaidade, mas sacrificio perseverante de abnegação propria.

Se da Historia Romana passarmos para a nossa, com quanto os factos não sejam em parte parallelos; todavia ministram-nos razões para insistirmos na defeza da mesma these.

Não são desconhecidas as proezas militares do segundo Rei de Portugal. D. Sancho I, filho e discipulo do Fundador da Monarchia, foi o terror dos inimigos, continuando gloriosamente a obra de seu Pai. Mas D. Sancho não foi perfeito em todos os seus caminhos; e a gloria só das armas não produz a gloria immortal da virtude. Mais singela e obscuramente viveram suas filhas. Santa Mafalda reformou o Mosteiro de Arouca, fundação de D. Affonso I, e que seu pai lhe havia doado: passou toda a vida em exercicios de piedade e religião; teve a morte dos justos, e por tantas virtudes em grão sublime, a Egreja portugueza celebra a sua festa a 2 de Maio.

Santa Sancha, que desde menina se dedicou á mais austera virtude, concebeu tal desengano das vaidades do seculo, e levou tão longe o seu desinteresse, que deu o seu palacio de Alemquer aos Religiosos de S. Francisco, para nelle viverem em communidade. Depois retirou-se para Coimbra, onde a pouca distancia fundou o Convento de Cellas, para Religiosas de S. Bernardo, entre as quaes viveu e morreu santamente. Da memoria das suas virtudes heroicas se faz commemoração todos os annos a 13 de Março.

Santa Thereza, tendo apenas sahido da infancia, dava já tantos indicios de perfeição Christã, que muitas vezes seu Avô não pôde conter as lagrimas ao ver o rigor dos jejuns, e a liberalidade de esmolas, com que soccorria os pobres. Mais adiantada com a idade na virtude, dispendeu grandes sommas na redempção dos captivos, e na dotação de meninas orfãs. Reformou o Mosteiro de Lorvão, onde jazem as suas reliquias em grande veneração, assim das (hoje!) desoladas filhas de S. Bernardo, como dos fieis. A festa desta virtuosa e esclarecida Rainha é celebrada entre nós a 17 de Junho.

Eis-aqui temos tres heroinas portuguezas, que a virtude tornou illustres, e preclaras, sem que o longo espaço de seis seculos a tenha feito esquecer, ou ao menos eclipsar. Todos os annos, os dias 2 de Maio, 13 de Março, e 17 de Junho são solemnissimos para as desamparadas habitantes de Cellas, Lorvão, e Arouca. Nas tres mil Egrejas de Portugal, e em mais de outras tantas das conquistas sujeitas, ou que o foram; em honra dellas se offerece o augusto Sacrificio da Missa, sendo invocadas com humildade e respeito, para que nos tenham propicio a Déos, junto de cujo throno existem cercadas de poder e magestade.

Desta sorte conseguiram as reaes fundadoras, ou reformadoras de Cellas, Arouca, e Lorvão a im-

mortalidade da gloria neste mundo. E quem se lembra hoje de seu Pai? Em que dia do anno, ou do seculo, ou ainda de periodo se faz especial commemoração delle para não perecer a sua memoria? Em nenhum: porque a gloria das armas desce á sepultura com o guerreiro que as soube manejar, sem ter em vista melhor fim que a nobreza do seu nome.

Se deste reinado glorioso, em que a educação no Paço era tão desvelada, que delle sahiram tres princezas, que hoje se respeitam sobre os altares, passarmos além um seculo quasi, daremos com um Rei prudente, activo, e emprehendedor, amigo de seus vassallos, e severo vingador de inimigos externos. Mas apezar dos maiores serviços prestados á Nação, a sua memoria apenas é recordada nas escholas, e a par de que defeitos, de que escandalos? Tal é o motivo porque delle se tem hoje menos conta, e a maior parte de cinco milhões de portuguezes nem sequer lhe sabem o nome! Não acontece assim com sua augusta consorte, a inclita Santa Isabel. Todos os filhos desta patria conhecem o seu nome, respeitam-na, invocam-na com o maior affecto, porque sabem que ella reina no Ceo em throno excelso, onde póde mais a favor de seus portuguezes do que quando por suas proprias mãos lhes repartia abundantes esmolas. E' sublime a oração que lhe dirige a Egreja no dia da sua festividade, nestes termos:

> Aspice quo solio residis Regina Superno
> Nos quondam hic populos Elisabella tuos.

Se do meado do seculo 4.º (1336) nos remontarmos ao fim do seculo 5.º (1490) continuaremos a ver a gloria da virtude consolidada por monumentos indeleveis; e a gloria de numerosas e heroicas proezas em quasi geral esquecimento.

Vai para quatro seculos, que o grande D. Affonso V de Portugal, á frente de alguns bravos portu-

guezes, conseguiu nas plagas septentrionaes da Africa maior nome e gloria do que vinte seculos antes o vencedor de Carthago. Não foi mister ao excelso filho de D. Duarte o espaço de quarenta annos para conquistar Alcaçar, Anafa, Tanger, e Arzila, porque os seus trinta mil soldados portuguezes eram filhos d'esses antigos guerreiros, que tantas e tantas vezes abateram e humilharam o orgulho do grande povo, que se tinha na conta de Rei sobre a extensão da terra (1). Mas em que canto de Portugal se faz hoje menção das proezas do nosso Rei Africano, ou onde se vêem monumentos que avivem no espirito dos povos a recordação de dias tão gloriosos? A maioria dos Portuguezes ignora o seu nome, e desconhece a sua existencia!

Mas já não é assim a respeito de sua venturosa filha, religiosa professa no Convento de S. Domingos em Aveiro, a princeza Santa Joanna.

Tão possuida das verdades eternas, como suas nobilissimas ascendentes, e desejosa de melhor gloria, que no mundo se não póde encontrar, venceu todos os obstaculos, que se oppunham aos mais intimos affectos de consagrar-se a Deos inteiramente. Trocou as vestes reaes pelo simples habito de religiosa; preferiu ao palacio o convento, e entre os transportes da mais viva alegria foi recebida pelas Religiosas de S. Domingos em Aveiro. O heroismo de tantas virtudes com que se distinguiu entre as filhas de S. Domingos é geralmente conhecido; o culto desta excelsa princeza é abraçado com respeito e reconhecimento em todo o Reino.

E acontecerá assim a respeito de seu augusto pai? No dia 12 de Maio os portuguezes se lembram, possuidos de profunda veneração, das sublimes virtu-

---

(1) Populum late regem. Virg.

des de Santa Joanna; dirigem-lhe humildes supplicas, reconhecendo-a, não já como simples princeza, mas como Rainha junto do throno do Omnipotente; e de D. Affonso V que cuidam, ou pensam elles? Nada!

Em vista deste parallelo, quanto é mais para ambicionar a gloria pela virtude christã, do que os applausos pelo heroismo das grandes emprezas mundanas? Quanto é preferivel a conquista de um defeito, ou vicio, á tomada de um castello, ou de uma praça?

E' porém digno de observar-se como a Religião Christã, sendo a doutrina em toda a parte a mesma, produz nas almas bem dispostas os mesmos resultados.

Em quanto no Convento de Santa Joanna, na cidade de Aveiro, a nossa Princeza era o modelo das grandes virtudes, santificando-se a si, e ás suas nobres irmãs; na cidade de Soncino, na Italia, florecia igualmente uma sua irmã pela Religião, tambem em Convento de S. Domingos, a gloriosa Santa Stephania, cuja vida passamos a escrever, segundo consta dos auctores Razzi, Pio, e F. João de S. Maria.

Possa este nosso trabalho servir para gloria de Deos, e proveito dos Leitores, unico fim que nos determinou a publical-o.

VIDA

DE

SANTA STEPHANIA.

Infancia de Santa Stephania.

Santa Stephania nasceu na villa de Orcinovo, districto de Brescia, no anno de 1457. Seus pais, Lourenço Quinzzani e Sabina, deixaram o paiz natal, e foram habitar em Soncino. Nesta cidade havia um convento da Ordem de S. Domingos; e como elles eram verdadeiramente religiosos, frequentavam a miudo a Egreja do mesmo convento, e não sós; mas seus filhos tambem, querendo que o bom exemplo coroasse a educação esmerada, que lhes davam.

Entre todos distinguia-se tão admiravelmente Santa Stephania, que, ainda em tenra idade, fez voto de castidade, com proposito de entrar n'um convento da Ordem, logo que lhe fosse possivel.

Entre tanto, correspondendo ás boas doutrinas, que recebia, já em casa de seus pais, já na Egreja dos filhos de S. Domingos, foi caminhando a passos tão largos na virtude, que não tardou muito a sentir-se com forças para formar proposito especial de nunca commetter qualquer peccado.

Não admira que a grande Rainha de França D. Branca, por muitas vezes infundisse no tenro coração do immortal S. Luiz o maior horror ao peccado, repetindo-lhe estas memorandas palavras: *meu filho*,

eu prefiro ver-te antes morto, do que manchado com um só peccado mortal. O que chega a confundir é que Santa Stephania na idade de dez annos, não só estivesse possuida destes mesmos sentimentos, mas os firmasse por voto especial, não querendo dispôr da sua liberdade, que então começava a vigorar, senão para empregal-a toda no serviço e gloria de Deos.

Em vida ainda tão curta muito bem podemos, em parte, dizer desta excellente menina o que o Espirito Santo no Livro da Sabedoria, cap. 4. v. 13, affirma do homem perfeito: *tendo vivido pouco, encheu a carreira de uma larga vida.* E para que se conheça a que ponto chegou a sua dedicação, e a madureza de tão nobres sentimentos, será mister notar, que o voto a que se ligou foi acompanhado de uma oração, em que supplicou a Deos, que nunca tirasse de sobre seus hombros a cruz de continuos trabalhos e mortificações.

Santa Stephania entra no convento de Sant-Iago.

As virtudes, com que tanto se distinguia Santa Stephania attrahiram sobre ella as vistas dos homens sabios e apreciadores do verdadeiro merecimento. Os Religiosos de S. Francisco, prevendo que poderia vir a ser um dia o ornamento da sua Ordem, professando a regra de Santa Clara, instaram com ella para que a preferisse á de S. Domingos. Inutilmente. A illustre filha de Quinzzani tinha tomado a sua resolução, e esta importava um acto consummado. Assim aconteceu.

Haviam decorrido já cinco annos desde que fizera o segundo voto; e com quanto vivesse entre os attractivos do mundo, nada pôde isto concorrer para que afrouxasse na virtude, tão heroicamente começada. Antes, pelo contrario, á proporção que via os

perigos, mais se lhe afervoravam os desejos de ser admittida entre as filhas de S. Domingos. A sua vida exemplar, que antes tinha causado emulação, franqueou-lhe as portas do convento de Sant-Iago, onde foi recebida com a maior satisfação e prazer aos quinze annos de idade.

As casas religiosas, se são baluarte da innocencia e da virtude, não são abrigo de mortificações e de trabalhos. As vocações bem profundadas assim o alcançam; e quando se tem presente o destino que atormenta pela incerteza, a penitencia mais aspera vem amaciar o receio, e na mesma proporção adoçar as apprehensões do perigo.

Santa Stephania entendeu neste espirito depois que vestiu o habito de Religiosa. A passagem do mundo para o claustro foi o começo de mais austera virtude: e tanto assim, que se não contentou com os rigores da regra, parecendo-lhe pouco para chegar ao elevado gráo de perfeição a que aspirava.

Jesus Christo jejuando no deserto por espaço de quarenta dias, e mortificado por todos os modos desde o Jardim das Oliveiras até que expirou sobre o Calvario, eram os passos predilectos da sua afervorada contemplação; e aqui ella attrahia o espirito que lhe dava forças para identica penitencia, e sacrificios similhantes.

E quanto á primeira parte, Santa Stephania jejuava quasi todo o anno, sem dispensar comsigo, ainda nos maiôres trabalhos, e nas mais compridas jornadas, que algumas vezes se via obrigada a fazer.

Sempre o jejum que ella fazia era digno de uma Religiosa de S. Domingos; mas na maior parte do anno era proprio de quem queria imitar muito de perto as privações, a que se quiz sujeitar o Filho de Deos. Desde o dia de todos os Santos até á Paschoa não comia mais que hervas e legumes; e a par desta aturada mortificação se dava a outras, que pela perse-

verança provavam com evidencia quanto era efficaz a assistencia da graça, e cada vez maior a correspondencia com que se havia.

E não entre em duvida, que Santa Stephania por estes sacrificios só attendia a si. Quando Esther transida com o susto da morte se apresentou junto do throno de Assuero, este grande sacrificio era dominado inteiramente pelo pensamento de salvar da morte a todo o seu povo. Assim Santa Stephania não cessava de, em todos os dias, supplicar entre as amarguras das suas penitencias, misericordia a Deos para os peccadores, de quem por aquelle meio procurava desviar os castigos da Justiça Divina. Não podemos crer que a filha de S. Domingos fosse menos attendida perante o throno do Eterno, do que a Rainha da Persia junto do solio de seu augusto esposo. E quantos males e castigos não suspenderiam as suas supplicas, lagrimas, e sacrificios?

Entre estas penitencias exteriores, ou que se dirigiam principalmente á mortificação do corpo, para conserval-o sujeito á razão e á fé, Santa Stephania compenetrou-se de tal sorte das dôres cruelissimas de Jesus Christo na Cruz, que por espaço de quarenta annos nunca lhe passaram da lembrança, affligindo-a na razão do affecto, que consagrava a tão amavel Redemptor.

Esta dedicação extremosa, obra não muito ordinaria da graça, attrahia novas attenções do Filho de Deos, que se compraz no fervor de seus mais humildes filhos; e foi origem de identidade de amarguras profundamente penosas de que ella se sentiu victima no dia em que a Egreja celebra a festa da exaltação da Santa Cruz. A comprehensão possivel, ou pelo menos a attenção séria do mysterio do Calvario é bastante para fazer estremecer o coração de um fiel em que predominar o amor de Deos; mas quando é alguma alma, mimosa da graça, que se entrega toda

aos affectos que esta consideração gera, então faltam as expressões com que possa dar-se a conhecer, e os merecimentos desta nova victima, que continúa em si os tormentos do Calvario, só pelo Crucificado podem cabalmente ser comprehendidos. Jesus Christo quiz que, neste passo da sua paixão, Santa Stephania Lhe fosse similhante; e com quanto pareça extraordinario, o testemunho do Marquez de Mantua e de outras pessoas de grande saber e religião não permitte ter em menos conta um facto que elles observaram, e de que foi lavrado processo authentico para desengano dos menos versados nas cousas da Religião.

Neste estado bem podemos ter a Santa Stephania como efficaz mediadora entre o ceo e a terra, entre Deos e os peccadores para desarmar pela oração, em beneficio destes, a ira de Deos, que por falta deste muro de opposição tantas vezes vem affligir e assolar a terra.

Assim o entenderam ainda em sua vida muitos nobres, e o Presidente da Republica de Veneza, como adiante se verá. Passemos a mostrar a sua:

Caridade para com o proximo. Perdão das injurias. Esmolas.

Não podia Santa Stephania desconhecer, que o amor de Deos é sempre incompleto, se se não presta a maior attenção ao amor do proximo. A caridade, se nas suas aspirações vai direita a Deos, reflecte logo em nossos similhantes, para soccorrel-os, porque como nós são filhos do mesmo Pai. Jesus Christo, que nos deu tudo, e se deu todo, era o modelo que sempre tinha diante dos olhos. Não era abastada a esclarecida Religiosa de S. Domingos; todavia liberalizava largas esmolas, e aonde não podiam chegar os seus recursos, suppria-o a caridade de outros. Era

tal a reputação de suas virtudes entre os ricos e poderosos, que com affan enviavam a Santa Stephania grandes esmolas, sabendo a applicação prompta que ella lhes dava logo.

Mas esta caridade regular e perseverante, ainda nos não deixa ver o intimo de seu coração a favor dos infelizes. Houve rasgos desta virtude em outros seculos.

S. Martinho dando metade da capa a um mendigo, e S. Francisco entregando os seus vestidos exteriores a um pobre, ficando quasi nu, influiram em Santa Stephania, que não quiz ceder-lhes nesta parte, quando tão heroicamente os imitava em tudo o mais. Uma occasião se offereceu; ella se priva dos seus proprios vestidos para cobrir a nudez de uma pobre, que sabia quanto nella tinha ao momento de recorrer ao seu valimento. Muitos outros exemplos aponta Razzi, seu chronista, que attestam uma providencia especial de Deos a respeito della, e que tem similhança com os que os chronistas portuguezes asseveram da esclarecida Rainha de Portugal Santa Isabel; e que em tribunal competente foram reconhecidos, quando foi elevada á honra dos altares, e contada como uma das mais sublimes heroinas, a quem a patria e a Religião tanto deve.

Não era só pelas esmolas, repartidas do que era seu, e grangeadas entre pessoas virtuosas, que Santa Stephania fazia conhecer a vehemencia da caridade: estes exteriores não vão sempre de encontro a certos dictames do amor proprio, menos conformes á razão esclarecida pela fé; nem, muitas vezes, desvanecem alguma paixão viva, que conviria se mortificasse. Em Santa Stephania não era assim. As verdades do Evangelho possuiam-na inteiramente, e alli realizava o desempenho dellas, onde a occasião, posto que ardua, se offerecia. A esclarecida Religiosa de S. Domingos teve inimigos, que porfiavam em desacredi-

tal-a na opinão publica. Seria menos sensivel se esta mortificação partisse de pessoas ou sem caracter, ou destituidas de conhecimentos, porque neste caso era mais um phantasma, que imaginavam e perseguiam, do que a virtude real na pessoa que queriam deslustrar; mas em certa occasião os tiros foram dirigidos de mais alto. Um prégador, ou por mal informado, ou por menos pratico na virtude, ou por ambas estas causas, teve o arrojo de n'um sermão dirigir invectivas contra Santa Stephania, procurando por este meio arrancar-lhe a boa reputação, que tão sincera e efficazmente tinha adquirido no espaço de largos annos. Este modo tão estranho de censurar a virtude, como se fosse vicio ou escandalo, faria vacilar espiritos ainda conhecedores de si mesmos, e dados á virtude; Santa Stephania porém não se abalou. Apenas lhe constou que as suas virtudes tinham dado materia ao prégador para perdel-a na opinião de todos, immediatamente se humilha na presença de Deos, e prostrada em terra lhe dá fervorosas acções de graças por a julgar digna de padecer, á imitação de Jesus Christo; e não deixa tambem de supplicar para o imprudente prégador todos os bens de que havia mister. E' por este modo que Santa Stephania cumpria á risca o preceito do Evangelho, que a tantos, aliàs virtuosos, tem parecido superior ás suas forças; e por isto deixam de ir avante no caminho da perfeição, que tinham encetado.

Humildade de Santa Stephania.

A caridade e a paciencia de Santa Stephania assentava sobre o fundamento da humildade. Tinha ella sempre diante dos olhos o Mestre desta virtude, Jesus Christo, que em duas palavras prescreveu a conducta dos que quizessem ser seus discipulos —

mitis et humilis — aprendei de mim, que sou manso e humilde. — Docil a esta doutrina tão salutar, e em geral tão pouco seguida, e menos comprehendida, não permittia ser tratada senão pelo nome de peccadora. Já nos primeiros tempos do Christianismo o Apostolo S. Thiago não queria que esta idéa se tirasse da mente dos bons discipulos do Evangelho; e S. Paulo para desviar de si todo o sentimento de vangloria, trazia á lembrança os seus dias antigos em que fôra perseguidor incansavel das verdades, que ora defendia com o maior zelo e fervor.

Similhantemente Santa Stephania que caminhava pela estrada mais estreita do Evangelho, á força de todos os sacrificios, naquelle nome que queria lhe dessem, mostrava-se como filha de Adão, isto é, do peccado, para que a gloria das suas virtudes fosse toda a quem compete — a Jesus Christo — sem o qual não póde ser praticada uma só acção boa, ou ainda mais, concebido qualquer bom pensamento em ordem e razão á felicidade da vida futura.

E não faltaram a Santa Stephania nem occasiões, nem provas que lhe causassem grande desvanecimento. Como a nomeada de suas virtudes era geralmente sabida, sobre tudo no norte da Italia, muitos nobres convidaram-na para o seio de suas familias. A Marqueza de Ferrara quiz conserval-a em sua casa, offerecendo-lhe todas as commodidades que appetecesse; a mesma pertenção teve o Marquez de Mantua, mas inutilmente: a ambos respondeu que: tinha vivido em casas pobres, e que nellas queria morrer. Estes serviços, que tão illustres fidalgos se persuadiam que prestavam á virtude, eram assaltos, que a teriam arruinado em outras, que não estivessem tão possuidas de si e de Deos, como Santa Stephania. Mas outro perigo ainda mais grave de desvanecel-a se offereceu. O Doge de Veneza, authoridade tão temida e respeitada por aquelles tempos, em

nome da Republica, a quiz tambem attrahir para que fosse habitar naquella cidade: a este convite se oppôz com a mesma abnegação; e para que proporcionasse a resistencia á grandeza dos accommettimentos insistiu em não se chamar simplesmente *peccadora*; mas *miseravel peccadora*.

Frequencia do Sacramento da Eucharistia.

Tantas virtudes, com que Santa Stephania edificava os simplices, confundia os presumidos, humilhava os inimigos, e attrahia as attenções de grandes personagens, não podiam conservar-se por tão largos annos, a não robustecer-se ella com o pão dos fortes.

E' inutil o procurar nas theorias da razão, ou ainda nas maximas abstractas da Fé os meios efficazes para mudar de conducta, e obter qualquer aperfeiçoamento na virtude; as aguas celestes destinadas para regar a terra sêcca, e neste caso esteril do coração humano, tem canaes certos e determinados, afóra dos quaes não é dado a nenhum o tornar-se fertil e abundante.

Santa Stephania entrou bem no sentido desta verdade, e applicou-se de todo o coração á frequencia da sagrada Communhão; meio admiravel pelo qual Deus comsigo liberaliza enchentes de graças na proporção das disposições, que precedem e acompanham o acto de recebel-a.

Pelo que fica escripto a respeito das virtudes da gloriosa filha de S. Domingos já podemos avaliar quanto seria viva a sua fé, vehemente a esperança, e abrazada a caridade no momento em que se approximava á sagrada Meza; e pela serie de penitencias tão seguidas, e cada vez mais austeras, o quanto Jesus Christo seria glorificado, vendo-a tão similhante a si mesmo. Nem de outra sorte podia acontecer. A

Religiosa de S. Domingos, convencida que a Eucharistia é Sacramento de Amor, e que este não quer soffrer ausencias, e muito menos supportar corações mesquinhos, que nem para beneficios, que se lhes offereçam tem desembaraço, ou valor, não deixava passar um só dia, principalmente nos ultimos annos da sua vida, em que não recebesse a santa Communhão.

O verdadeiro discipulo de Jesus Christo faz por imitar quanto póde os exemplos dos primeiros Christãos. Os mesmos hereges a cada passo os applaudem; e os menos affeiçoados á Religião os citam como modelos, que lembram e offerecem á contemplação dos outros. Seriam todos consequentes se se não determinassem por uma parte só do Evangelho, desprezando o que não quadra ao seu modo de pensar! O cuidado estremoso de Santa Stephania em se alimentar todos os dias com o pão, que desceu do ceo, lá tem o fundamento, ou razão no fervor dos primeiros discipulos da Cruz: Nos Actos dos Apostolos, capitulo segundo, verso quarenta e dois, S. Lucas diz: » E elles permaneciam na doutrina dos Apostolos, e na communhão da fracção do pão, e nas orações. (1) Em vista deste logar, e de outros da Tradição que seria facil apresentar, é tanto digna de louvor a veneravel Religiosa de S. Domingos, quanto merecem severa censura aquelles, que ousam levantar-se contra esta frequencia, não condizendo as suas obras com os seus principios; ou, o que é peior, encarando como erros o que foi nos melhores tempos reputado como causa efficaz de solidas virtudes.

E se então aconteceu, que em toda a parte os filhos do Evangelho desprezaram os insultos, tiveram em nenhuma conta as affrontas, e soffreram com re-

---

(1) Erant autem perseverantes in doctrina Apostolorum et communicatione fractionis panis et orationibus.

signação o desterro, os tormentos e a morte, sem por isto se desviarem do verdadeiro caminho, que conduz á eternidade feliz: similhantemente Santa Stephania não fez o mais leve caso de todas as contradicções, que o espirito das trevas, ou o pensar errado dos mundanos lhe oppunham para despersuadil-a do mais sublime exercicio da Religião — a frequencia da sagrada Eucharistia. Muito bem se persuadiu ella destas, e outras vantagens de tão augusto Sacramento; e por este motivo não julgou dever sacrificar tantas riquezas celestes ao insulto vão de uma palavra, ou ao desprezivel accommettimento de inimigos traiçoeiros. Que fraqueza! deixar de recorrer á fonte da vida por medo muitas vezes de um reparo, receio de uma palavra, que póde ser se não chegasse a proferir, ou susto de contradicções, ainda que sejam ponderosas! Santa Stephania não era do numero destas pessoas cobardes; e por tanta dedicação, que sempre mostrou, mereceu as graças efficazes, que, como passamos a ver, Deus lhe concedeu no fim da vida.

Ultima enfermidade, e morte de Santa Stephania.

Uma vida tão pura, tão regular, e rica de virtudes devia tornar-se mais brilhante á proporção que se ía aproximando do seu termo. Santa Stephania tão acostumada a seguir de perto os passos de Jesus Christo na carreira da adversidade, e mortificações, sentia-se desejosa de offerecer a Deos o ultimo sacrificio, que havia de coroar a serie nunca interrompida de outros muitos, que a tinham tornado tão veneravel entre os povos da Italia.

Corria o anno de 1529, quando no mez de Setembro Santa Stephania cahiu gravemente enferma. Este estado, que tanto assusta os filhos do seculo, e que perturba a muitos, sem serem estranhos á virtu-

de, infundiu no coração da Santa Virgem de Soncino a mais completa conformidade com a vontade de Deus. Se foi nos ultimos dias de sua vida mortal, que Jesus Christo deu aos Apostolos, e Discipulos, companheiros de seus trabalhos, e afflicções as mais evidentes provas de amor e affecto; tambem Santa Stephania empregou os momentos preciosos da enfermidade em exhortar suas companheiras da Religião á pratica da virtude, e á perseverança nella, condição essencial para o conseguimento da gloria futura, que lhes desejava, e de que dentro em pouco tempo esperava estar de posse.

Não dispôz Deus de sua serva tão depressa; por quanto a enfermidade se prolongou até 26 de Dezembro. Neste dia, em que a Egreja celebra a festividade do primeiro Martyr, as dôres e afflicções, que pacientemente supportava, recrudesceram tanto, que ella não pôde deixar de recorrer á mais sentida oração, supplicando a Deus, que se fosse do seu agrado, pela sua misericordia se dignasse pôr termo a tantos soffrimentos, levando-a para si. Os seus rogos não foram desattendidos: desde logo ficou em grande prostração, e não lhe foi possivel receber mais algum outro alimento, que não fosse o espiritual — a sagrada Communhão. Sete dias depois, a 2 de Janeiro de 1530, Santa Stephania proferindo as ultimas palavras de Jesus Christo na Cruz: *meu Pai, nas vossas mãos entrego o meu espirito*, espirou!..

Assim passou desta vida para a felicidade incomprehensivel do ceo a bemaventurada Santa Stephania na idade de setenta e tres annos, tão ferteis em boas obras, e solidas virtudes, que ainda hoje, e até á consummação dos seculos farão admiravel o seu nome e a sua gloria.

Não póde o espirito humano por mais que eleve os vôos da imaginação formar a mais singela idéa desse primeiro momento de prazer e jubilo que rece-

be a alma pura e innocente, quando é recebida nas moradas celestes; mas a querer rastejar algum tanto a este respeito, bem póde adduzir as palavras, que no Cantico dos Canticos o esposo dirige a sua esposa, applicando-as a Jesus Christo, quando se mostra radiante de gloria á alma em que vê aproveitado o preço da redempção. » Toda tu és formosa, em ti não ha mancha. Vem do Libano, vem: serás coroada. Já se passou o inverno, já se foram e cessaram de todo as chuvas: appareceram as flôres na nossa terra! »

E quanto se convencerá desde logo, nesta inexplicavel entrevista, a alma da importantissima verdade, que por S. Paulo nos ensinou Jesus Christo: *as penalidades da presente vida não tem proporção alguma com a gloria vindoura, que se manifestará em nós.* (1) Quanto parecerão neste momento a Santa Stephania breves os setenta e tres annos de sua vida, passados na pratica da virtude, no exercicio de grandes mortificações, e no cumprimento sempre austero da regra admiravel de S. Domingos? A vida exemplar desta bemaventurada Religiosa sirva de estimulo e de modelo para a pratica das virtudes christãs. O resultado será o mesmo — a bemaventurança eterna.

FIM.

---

(1) Epist. aos Rom. Cap. 8. v. 18.

NOTA.

O nosso illustre collega o Sr. Antonio Caetano Pereira, que tanto tem desvanecido o orgulho de pertendidos sabios nacionaes e estrangeiros, communicou-nos, a instancias nossas, a seguinte opinião litteraria.

» Encontramos na lingua grega os seguintes vocabulos — *Stephanos, on* — masculino — a corôa, premio da virtude: — *Stephane, es* — feminino — a corôa, premio da virtude: —

». Achamos entre os Gregos: *Stephanos* — nome proprio de homem: — *Stephana*, ou *Stephania* — nome proprio de mulher:

aquelle, significando — homem, que mereceu a corôa ou premio da virtude; este, — a mulher, que mereceu a corôa, ou premio da virtude. Os Romanos adoptaram aquelles dois vocabulos com a mesma orthographia, e significação.

» Pergunta-se hoje, se nós os Portuguezes podemos, devemos, ou convem escrever o Nome de Nossa Augusta Rainha — Stephania, ou Estefania, ou Estephania? Isto é — conservar a orthographia etymologica, alteral-a, ou modifical-a? Respondemos:

» A' 1.ª pergunta. — Os povos tiveram sempre liberdade ampla de adoptarem os vocabulos extranhos com a orthographia, que lhes pareceu, em quanto suas respectivas lingoagens se não constituiram, e tomaram o caracter de lingoagem systematica, e philosophica.

» A' 2.ª — E' praxe constante em todas as Nações civilisadas admittirem os vocabulos extranhos com suas orthographias etymologicas, mórmente sendo os vocabulos, nomes proprios: pois do contrario haveria risco de se perderem, com a mudança das lettras, as proprias, e genuinas significações desses vocabulos.

» A' 3.ª — Quando a conservação da orthographia etymologica se oppõe ao mechanismo, e harmonia da lingua, em que os vocabulos são admittidos, convem então modificar a orthographia. Foi por esta razão, que os Classicos portuguezes, em logar de escreverem — Santo Stephano — escreveram — Santo Estevão — porque o concurso de tres lettras, mudas, e de som fechado tornavam a pronunciação difficil.

» Fundados nestes principios julgamos, que o Nome de Nossa Augusta Rainha deve, e convem ser escripto com a orthographia etymologica — *Stephania.* — Porque se quizessemos conservar analogia; assim como de — Stephano — escrevemos — Estevão — de Stephania, deviamos escrever — Estevãa — segundo a regra da formação — Cidadão — Cidadãa, Cortezão — Cortezãa, Aldeão — Aldeãa, Meão — Meãa, etc. = E qual será o ouvido, por menos apurado que seja, que não estranhe um tal vocabulo? Ou mesmo escrevendo — Esteva, — quem não julgará indecoroso dar-se a uma Rainha um nome, que significa, ora o extremo da charrua, ora um arbusto de folhas asperas? Devendo pois guardar-se a orthographia etymologica, para que servirá o — E — que se lhe pertende accrescentar?

» Em conclusão perguntaremos: e não será uma incivilidade para com a Nossa Augusta Rainha escrevermos o seu Nome por modo bem diverso do que Ella usa?

FUNDAÇÃO
DO
MOSTEIRO DO SACRAMENTO
EM
ALCANTARA.

Introducção, ou Necessidade Moral e Politica das Ordens Religiosas.

A lembrança da morte, o pensamento da eternidade, e a recordação do dia terrivel das contas perante o tribunal Divino, tem, desde todos os seculos, influido na vida dos individuos, e dos povos; ou para trazel-os a melhores caminhos, que conduzem á felicidade; ou para desvial-os de entrar nos máos, que dirigem á perdição.

Sobre tudo, quando choveram do ceo novas graças pela redempção, os homens abalados á vista da felicidade que lhes fôra revelada, começando a avaliar a grandeza do abysmo em que se viam emergidos, surgem triumphantes, e constituem sociedades particulares, ricas de vida e de fervor. A charidade,

como o fogo, ateou-se: os ajuntamentos a occultas foram estabelecidos em muitos, e remotos logares; e como a perseverança não deslizava, teve em remate a victoria completa pela profissão franca das verdades da Religião. Cidades, Provincias e Reinos abraçaram a Doutrina do Filho de Deus; e pelas obras de que fazem menção os livros sagrados e a historia da Egreja, vemos com que calor a professaram, defenderam e espalharam.

Mas estes tempos felizes foram perturbados já pelo zelo sem prudencia, já pela prudencia sem a fé. O Evangelho cumpriu-se na realisação destes extremos, sem comtudo ficar só na lettra a respeito dos Justos, que teriam o valor de, ou resistir corpo a corpo á torrente da iniquidade, ou de vencel-a na retirada para o silencio dos desertos, onde o exemplo attrahia muitos.

Eis-aqui o ensaio mais geral das communidades religiosas. E se formos a sondar a intenção e o fim de tantos, que largaram as commodidades do seculo para abraçarem os rigores do deserto, convencer-nos-hemos que só se levava em vista, pela aspereza das penitencias, a tranquillidade na morte, a misericordia no Juiz Supremo, e a felicidade durante a eternidade.

Por estes motivos, tão dignos do homem pensador, o lausperenne de louvores e obras, começado em Jerusalem nos primeiros dias do Christianismo, tem continuado, atravez de 19 seculos, tendo a dupla vantagem de sanctificar os individuos, que a elle se dão; e de desviar de sobre os povos as iras de Deus, quando os escandalos o determinam á vingança, e aos castigos. Ponderemos esta segunda parte, que não terá sido tão bem avaliada, como cumpria que fosse, tomando por norte os factos da Providencia, assás claros, e evidentemente instructivos.

Pelos annos de 634 antes da era vulgar, uma Nação, a mais poderosa da terra, intentou acabar com a in-

dependencia de todas as outras: ou, o que importa o mesmo, reduzil-as á mais barbara escravidão. Que forças seriam bastantes para resistir ao grande Rei dos Assyrios? Que povo deixaria de tremer, quando já estava lavrado o decreto de destruição e de morte contra todos os que ousassem pugnar pela liberdade e pela vida contra o deus de toda a terra, como se atreveu a denominar aquelle rei orgulhoso? E a soberba não ficou em projectos: o Assyrio sahe a campo, ameaça, e vence sem o meio da espada, porque o terror feria por toda a parte mais do que ella; e reduzia sem o apparato dos combates, ou estrategia de generaes, e valor dos soldados.

Só um povo, apenas perceptivel entre os da Asia, porque tinha um bom chefe, e outras crenças, entendeu não dever passar pela baixeza de render-se, e sem demora começa de preparar-se para a resistencia. O Summo Sacerdote Eliacim não satisfeito de escrever ás auctoridades de todas as povoações, chamando-as ás armas com todos os seus subditos; elle mesmo depois corre por toda a parte, animando uns, exhortando a outros, e promettendo a todos a victoria, se não abandonassem os seus conselhos, e advertencias. Mas... a perseverança não lhe coroou tanto zelo e coragem!.. A salvação do povo estava n'outra parte: no silencio, no retiro de uma familia bem dirigida, e sinceramente dedicada aos bons sentimentos e pratica da mais austera virtude. O livro de Judith diz: » E no andar superior de sua casa fez ella para si um quarto retirado, no qual se conservava clausurada com as suas criadas. E tendo um cilicio sobre os seus rins, jejuava todos os dias de sua vida, excepto os Sabbados, as Neomenias, e as festas da casa de Israel. » (Cap. 8. v. 56).

Em quanto a filha de Marari se dava a estes exercicios, a desconfiança tomava forças, e com ella o perigo se aggravava em proporções as mais assus-

tadoras. Entreguemo-nos ao inimigo, era a voz geral, prefiramos o captiveiro á morte. Mas no meio deste desalento e consternação acode Judith: adverte, censura, reprehende; faz recordar a bondade e clemencia de Deus em circumstancias tanto, ou mais apuradas; offerece-se ao combate, e esta que mereceu attrahir as vistas do Omnipotente, depois de restabelecer a fé nos animos de todos, e com ella a resignação e o valor, dirige-se ao campo dos inimigos para só conseguir delles a victoria, que alcançou, a mais completa e extraordinaria de todas quantas nos deixaram em memoria os annaes da historia.

Julgamos escusado entrar na especialidade dos variados acontecimentos daquelles dias memoraveis; mas não inuteis algumas reflexões a respeito da conservação tão gloriosa da independencia de Judá pela dedicação de Judith.

A virtuosa viuva de Manassés converteu uma parte da sua casa em recolhimento extremamente religioso. Como superiora, no meio de sua numerosa familia, applicou-se com o maior fervor aos exercicios de devoção; as verdades eternas tinham-lhe infundido no coração o mais profundo temor de Deus; e como é este, que, segundo o Profeta, attrahe as vistas do ceo, (1) ella foi a unica escolhida para ser o instrumento da Omnipotencia na destruição de um exercito, que montava a mais de cento e vinte mil homens de pé, e vinte mil de cavallaria. (2)

Em vista desta victoria, que embriagou de alegria e prazer a todos os povos de Judá; e que humilhou a maior potencia do mundo naquelles tempos, é de facil alcance a vantagem, ou antes a necessidade absoluta de pessoas dedicadas ao culto sincero da

(1) Ad quem respiciam nisi ad pauperculum, et contritum spiritu et trementem sermones meos. Isaias 56, 2.

(2) Judith. 7, 2.

Religião, para nos dias de perigo, ou de calamidades, desviarem, pelas supplicas perseverantes e efficazes, a ira de Deus, e attrahirem a sua misericordia, como fez Judith.

Assim o entendeu o Padre Greffet, quando prégando na presença de Luiz XV disse: » A oração, conclue S. Gregorio, deve ser considerada como o meio mais activo, e mais universal de todo o mundo. E' de alguma sorte ao abrigo da oração, QUE OS REINOS SE CONSERVAM, que as terras produzem abundantes fructos, QUE OS EXERCITOS ALCANÇAM VICTORIAS, e que por estas se chega ao conseguimento da paz: QUE OS REIS VIVEM, E QUE OS POVOS SÃO FELIZES. Sim, a columna de S. Simão Estelita, a gruta de Santo Antão, e a caverna de Santo Hilario, eram, talvez, mais vantajosas ao mundo, do que os palacios brilhantes e pomposos de Constantino, e de Theodosio. Alli se tratava com Deus dos interesses da terra com melhor successo e vantagens, do que no conselho destes soberanos: alli, mãos fracas e desarmadas, mas erguidas continuamente para o ceo, dirigiam, pela efficacia da oração, o braço victorioso destes heroes. Não vos lamenteis pois de que a Egreja tire do mundo algumas almas escolhidas, para que se não occupem senão da oração: não tenhaes estes piedosos solitarios como pessoas ociosas, e inuteis á sociedade, e abstende-vos de dizer: *ut quid perditio hæc?* que proveito se tira de tantas horas no dia empregadas no repouso de uma occupação esteril? Moysés era um homem inutil, quando retirado sobre a montanha attrahia sobre todo o povo as bençãos do Deus dos exercitos? Dedicou-se Moysés a uma devoção esteril, quando, mesmo sem combater, assegurava pelo fervor e perseverança de suas orações a victoria áquelles que combatiam? E sabeis até onde chegaria todos os dias o effeito da ira de Deus, se seu braço não fosse sustido pelas orações dos Justos?

Ah! dizei antes, á vista dos asylos sagrados da penitencia, e da virtude: quanto são formosos os teus tabernaculos, e formosas as tuas tendas, ó Israel! Alli se acham reunidas as sentinellas, que vigiam constantemente na guarda do rebanho da Casa de Christo, alli está elevada a torre de David, onde se vêem pendentes os mil escudos, apoio da fraqueza, e refugio seguro contra as settas de um Deus vingador. Ainda que alli não estivesse senão um Justo, elle desviaria maiores males pelas suas orações, do que todos os peccadores do mundo poderiam attrahir por seus crimes.» (1)

Assim o grande orador do Rei de França mostrou a importancia, tambem politica, das congregações religiosas, e não menos a necessidade de as conservar, e proteger para effeitos tão conformes á razão e á Religião.

Nestes resultados, tão admiraveis como consoladores, não só abunda a historia sagrada; a profana, a nossa com especialidade conserva a lembrança, e ahi faz menção de monumentos grandiosos, que attestam prodigios de valor e dedicação, para que as forças humanas por si sós são inferiores.

Se, desde o principio da Monarchia, ha sete seculos, os nossos Monarchas se interessaram tanto na construcção de conventos, ou na protecção, que para ella davam, não era só porque os dominasse o pensamento da perfeição individual dos que a elles se recolhiam; mas era tambem para que em virtude das supplicas que alli se dirigem incessantemente a Deus, elles o tivessem sempre propicio para com suas mesmas pessoas, e de seus vassallos. Era porque conheciam as vantagens politicas destes institutos; ou antes

(1) Sermon pour le Jeudi de la première Semaine de Carême.

porque estavam certos, de que procurando por um tal meio, primeiro a gloria de Deus, Elle lhes não faltaria com os beneficios temporaes, segundo se vê promettido no Evangelho. (1)

Os nossos antigos Monarchas convenceram-se, que se Deus abandona até á morte aquelles que d'Elle se afastam, o mesmo se realiza a respeito das Nações, que abraçam este abandono. Quasi a cada pagina dos livros profeticos, e historicos do antigo Testamento se vê esta verdade annunciada, e mais tarde realizada. Os herdeiros dos vencedores de Holofernes por Judith, que fez do ultimo andar de sua casa um recolhimento, existem ainda hoje, e para que? para mostrarem a todas as Nações Christãs, que nelles se realizou moral e politicamente a verdade do Profeta David quando disse: *Qui se elongant à te peribunt.* Ps. 72. 27.

Os nossos reis, ou viram, ou tiveram quem lhes mostrasse nos livros santos, como a Alexandre Magno fez o Summo Sacerdote, a historia do futuro de seus vassallos; e persuadindo-se, que a protecção da Religião em todos os sentidos, e neste caso a dos individuos, que mais de coração a ella se quizeram dedicar, era o principio vital da mais efficaz politica, não faltaram nunca a este dever; e por um tal meio conseguiram só na historia a gloria que hoje lhe tributamos, e aos portuguezes d'aquelles seculos, porque tão sabiamente corresponderam á authoridade paternal que os dirigia.

Alexandre Magno, que viu rendidos ao seu poder todos os reis da terra, elle mesmo se rendeu, ajoelhou diante do Grande Sacerdote Jaddo ao entrar em Jerusalem: tratou-o com a maior affabilidade, soube d'elle qual era a missão que Deus lhe ti-

(1) Matth. 6. 33.

nha confiado; protegeu absolutamente a Religião verdadeira; e annos depois o rei da insignificante Macedonia dominou sobre todas as Nações da Asia!

Similhantemente o Senhor D. Affonso I., em quanto como politico e militar obrou proezas de que o mesmo Alexandre teria inveja, conservando-se sempre sobranceiro entre os seus, e altivo contra os inimigos: como christão era o mais submisso, considerando-se feliz em proteger a Religião, e honrar os ministros della. Ahi restam monumentos, que ao cabo de sete seculos ainda estão apregoando a gloria de sua dedicação religiosa. Santa Cruz, Alcobaça, e S. Vicente mostram a sua crença na necessidade geral das supplicas a Deus, que tambem se appellida — dos exercitos — e as numerosas victorias, os bons despachos destas supplicas, porque a verdade das Escripturas não póde deixar de cumprir-se sempre.

O Senhor D. Affonso I, se como politico creou uma Nação, que tem sabido conservar a sua independencia; se como general infundiu no povo portuguez esse espirito guerreiro, que sujeitou ao seu poder as mais remotas Nações do Oriente: como catholico lançou os fundamentos da mais vigorosa civilisação, erigindo Mosteiros onde florescesse a virtude a par da sciencia, para depois vir diffundir-se entre os povos pela illustração, e bons exemplos. Os seus Augustos Successores até hoje não tem perdido de vista esta grande dedicação, como se mostra adiante. (*a*)

Fundação do Mosteiro.

O conde e a condessa do Vimioso conheceram toda a importancia das verdades, que ficam exaradas. O trato com o mundo em quasi todas as circumstancias, ora arriscado, ora perigoso, se não destroe desde logo a virtude, pelo menos a debilita, e exemplos bem lamentaveis mostram terminantemente qual o rumo que deve seguir-se.

Ambos elles, depois de maduro pensar, vieram ao accordo de separar-se, para que cada um professasse no retiro do claustro uma vida mais regular e religiosa, que lhes assegurasse a posse da felicidade eterna, a que aspiravam ardentemente. Nos conventos dos Padres de S. Domingos tinha o conde por onde escolher, attenta a boa disciplina que nelles vigorava em tanto proveito da Religião e do Estado. Mas a respeito dos conventos de Religiosas da mesma Ordem, parece, que alguma cousa havia a desejar, pelo menos segundo as suas apprehensões, ou espirito de fervor de que se achavam possuidos. Nestas circumstancias assentaram fundar um novo Mosteiro, onde começasse de desempenhar-se a regra primitiva de S. Domingos, embora rigorosa. Pozeram logo mãos á obra, e para vermos como, deixemos que nol-o conte o grande chronista Fr. Luiz de Sousa.

» Passava de trinta annos que esta Provincia nam dava ouvidos a nenhum genero de fundaçam de Conventos, quando se offereceu hũa, que por muitas razões pareceu digna de ser aceitada, e estimada. E-

ram, os que a propunham, o conde do Vimioso, D. Luiz de Portugal, e a condessa D. Joanna de Castro Mendonça, sua mulher, Irmãa do conde de Basto, D. Diogo de Castro. E obrigava muito uma circumstancia que offereciam, que era de mais do dote do Mosteiro, entregarem á Religiam de S. Domingos as suas pessoas com raro exemplo em gente de tanta qualidade, executando entre si um santo divorcio. De sorte, que ella tomasse o habito, e professasse na mesma casa que instituiam: Elle no convento de S. Paulo d'Almada. Muitas cousas faz parecer novas, o serem muito antigas, ou estarem já esquecidas no mundo. Semelhante caso deu principio ao nosso convento de N. S. da Piedade de Azeitam, só com a differença na authoridade e partes das pessoas, que eram muito inferiores, não no feito. Ouve duvidas sobre a quantia do dote, que os condes promettiam, que era de duzentos mil réis de juro, pagos nas rendas da casa do Vimioso. Julgavam os Padres por mui curta porção esta para aver de sahir della sustentaçam das Religiosas, e a fabrica dos claustros, que as aviam de agazalhar. Quanto mais que para averem de guardar sem mudança o ponto mais alto e mais rigoroso da Regra de S. Domingos, como os condes pertendiam, nenhũa cousa era mais conveniente, que possuirem tanta abundancia de renda, que escusassem mendigar pelo povo, e parentes (cuidado e occupação, de que ordinariamente nascem relaxações). Sobre tudo pareceu não encontrar a vontade dos Instituidores, entendendo-se que a novidade e titulo da casa, que havia de ser do Santissimo Sacramento, chamaria tantos sugeitos nobres e familias ricas (como logo se foi vendo) que os dotes supririam para o edificio, que se avia de levantar, e juntamente para acrescentar a renda. Ao que se juntou declararem os Condes, que sem embargo de ser costume no Reino, ficarem por donos da Capella-Mór, e com o titulo de Padroeiros as

pessoas que dotam, e fundam qualquer Mosteiro; elles eram contentes de largar todo este direito: De que estava certo averem de resultar grandes interesses á Casa: Porque não podia faltar pelo tempo em diante pessoa muito eminente em poder e Nobreza, que pagasse com liberalidade a honra de tal Jazigo, e tal Padroado.

» Aceitado o Mosteiro pela Ordem, foi segundo cuidado, tratar do sitio, em que se lhe avia de dar principio. E como de presente faltava cabedal para a fabrica nova, e os Fundadores sentiam mais do que se póde dizer, qualquer hora, que se lhe dilatasse o entregar-se a Deos na Religião: Porque as grandes resoluções perdem muitos quilates nos olhos do mundo, e até dos mesmos que as tomam, se depois de publicas, e assentadas correm com frouxidam: trataram de tomar de aluguel hum aposento nobre e capaz de se poder encerrar nelle a Condeça Fundadora com algumas Religiosas, que avia de tirar de mosteiros da Ordem para Mestras da observancia; e começaram juntas na forma da Religiam, que estava assentada. Escolheram-se as casas, que foram do Morgado, dos campos abaixo de S. Vicente de Fóra, e sobre o Bayro de Alfama. E como se tomavam por interino compozeram-se com pouco apparato, e brevemente de sua Igreja e côro, e officinas: Per maneira, que aos nove do mez de Julho de 1607 se acharam dentro em perfeita clausura as Madres que vieram para fundar a Religiam, repartidos entre si os cargos ordinarios della. E a condeça entrou em seu Noviciado. De fóra ficou por Vigario o Padre Mestre Frey João de Portugal, que hoje é meritissimo Bispo de Viseu, acompanhado de confessor e capellões, segundo o costume, e ordem das nossas Religiosas.

» Composto e assentado assim o material do Mosteiro começou a correr no formal do Espirito e Religiam, com tanto concerto e verdadeira guarda do

5 *

primeiro rigor, e austeridade, que nosso Santo Patriarcha introduzio na casa de S. Xisto em Roma, que foi em grande extremo a edificaçam, que deu nesta cidade e o gosto e benções com que o recebeo o Illustrissimo D. Miguel de Castro nunqua bastantemente louvado Arcebispo della, e tio da Fundadora, Irmão do Pai. Seguio-se logo o que se tinha pronosticado. Começaram a pedir o habito muitas pessoas de qualidade, não só nada espantadas das asperezas, que se contavam, mas antes convidadas dellas, e para ellas alvoroçadas. O que foi causa, que o Vigario, passados poucos annos, se encheu de animo, e começou a tratar de lhe levantar morada propria, e perpetua. E reconhecidos muitos sitios, veio a escolher um, que tirado ser fóra dos muros, não podia achar melhor. Avia na estrada que corre do Bayro, que chamam da Pampulha, para a Ribeira e Ponte de Alcantara, hum estendido pedaço de terra lavradia chão, e desabafado, cuja largura capaz de hum grande edificio, era da estrada para o mar, e o comprimento corria dos fornos de cal até pegar nos muros da quinta do Aposentador-Mór, Lourenço de Sousa, que fica sobre a Ribeira de Alcantara. E com ser terra que se lavrava cada anno, tinha o fundamento sobre uma pedra viva. Esta pedra descendo talhada e pendente sobre as aguas do rio, onde com estreiteza correm como em garganta apertadas com os montes altos de Almada, faz o sitio forte para bom fundamento do edificio, e tão alto e sobranceiro, que fica senhor de todo o rio, e livre dos danos e visinhança da praia, que lhe lava os pés: offerece defronte como painel as rochas d'Almada, vestidas em parte de verdura, parte ao natural descompostas: E contra a boca da Barra, larga e formosa prospectiva, até se perder a vista no mar. Em tal sitio e no mais eminente delle foi o Vigario desenhando o seu Mosteiro. E como começou a ter algum cabedal, não quiz dilatar a fabrica, fiando e deixando á conta de Deos os fins.

» Era entrado o anno de 1612. Assistia na cidade de Lisboa D. Frey Aleixo de Menezes, da Ordem dos Padres Eremitas de Santo Agostinho, Arcebispo de Braga, Primaz das Espanhas, depois de ter governado muitos annos a Igreja de Goa na India Oriental, tambem Primacial della. Pediram-lhe as Religiosas, quizesse dar principio á Casa de Deos, assentando por suas mãos a primeira pedra do edificio. Determinou se o dia que foi a sete de Janeiro do mesmo anno. Veio o Arcebispo, e fez a santa ceremonia com grande solemnidade.

» Foi-se proseguindo na obra deste dia em diante, sem levantar mão, e com tão boa diligencia, que quando entrou o mez de setembro do anno de 1616 avia bastante gazalhado para as Religiosas, sem embargo de faltar muito para perfeiçam do Mosteiro, e ellas terem crescido muito em numero. Estava acabado o dormitorio, que ficou lançado no comprimento do sitio ao longo do rio, com a Igreja no topo do nascente, e no contrario casa de lavor com janellas altas, e de recreaçam para seus tempos contra a terra; Igreja pequena, porém maior que a tençam, e animo das Religiosas, que em tudo queriam conformar-se com aquella antiga pobreza de nossa Regra. Da estrada para a Igreja se procurou boa distancia, tanto para fugir da perturbaçam dos passageiros, como para ficar diante praça commoda e authorizada. Esta mesma tem com aposento o Vigario e Capellões, que se fabricou para quietação por detraz da Capella-Mór com suas janellas e varandas de sol sobre o rio. Aprazou-se logo dia para a transmigraçam da casa alhêa para a propria, que foi solemnissima: Porque acudio toda a nobreza da terra, parte por auto de devoção, e christandade, parte para acompanharem suas parentas, e outros por curiosidade, e notar cousa poucas vezes vista. Seguio o Povo a Nobreza: E como o de Lisboa he geralmente pio, e muito de-

voto, tanto que soou a nova da passagem não ficou homem em casa, nem em tenda; foi o concurso como da mais celebre procissão de todo o anno. Foram em coches até ao Mosteiro de Santo Alberto. Alli se formou a procissam. Estava na rua posta em ordem a communidade dos Frades de S. Domingos de Lisboa, com sua cruz diante, acompanhados de alguns dos conventos visinhos. Foram sahindo as Madres, e tomando o meio da rua, segundo suas antiguidades, e precedencias no habito: Chegaram-se os parentes, ás que os tinham e foram-se com ellas ao seu passo com toda a cortezia, e bom termo. Cerrava a Procissam o Arcebispo, não tanto por tio da condeça Fundadora, como por Prelado zelosissimo de todo o bem, levando debaixo do rico Pallio o Santissimo Sacramento, preço da nossa Salvaçam, e titulo e honra do novo Mosteiro. Deu o caminho occasiam a os bons entendimentos de se edificarem e compungirem, vendo mulheres fracas caminhar com gosto para encerramento e sepultura perpetua, gente illustre coberta de saco do mais vil, mais seco e aspero, que usam os moradores dos montes: rosto e olhos tapados de toucas negras, sinal, não só de mortificaçam, mas de verdadeira morte. Mas nem fez menos aballo o que muitos viram no Mosteiro novo. Estava aberto, e a entrada franca a os seculares, em quanto tardavam as Madres. Espantados da estreiteza das cellas pasmavam do enxoval de cada huma, para cama, enxergão de palha sobre huma vil taboa, fazendo o officio de cobertor, lençoes e travesseiros o mesmo saco dos habitos, ou outro mais crespo: Na parede sobre a cabeceira huma cruz de páo, sem outro painel, nem retabolo, para assento uma cortiça. E tal era o concerto de todas, sem differença de nenhuma» (1).

Assim escreveu Frei Luiz de Sousa; e a Fé

(1) Parte 3.ª da Hist. de S. Domingos, Liv. 6, Cap 14.

que mostrava nas fundadoras não se tem desmentido; por quanto as virtudes de muitas Religiosas deste Mosteiro em gráu sublime, durante os dois seculos que já passaram, são prova de quão profundamente se arraigou aqui o verdadeiro espirito da regra primitiva de S. Domingos, conforme desejava a condessa. Nós apezar de termos conhecimento de muitas biographias de Religiosas, especialmente de uma escripta pelo Padre Theodoro de Almeida, por brevidade passaremos a dar uma idéa do estado actual em que ainda hoje se acha a Communidade do Sacramento, e isto fará ver melhor quanto ella merece ser protegida, e amparada (*b*).

Culto Religioso. Interno. Externo. Estado actual do mesmo.

Culto Interno.

As vistas da condessa do Vimioso na fundação do Mosteiro do Sacramento foram realizadas inteiramente. Vai para tres seculos, que ella professou a regra austera de S. Domingos entre as mais illustres Religiosas, que tinha feito vir do Convento de Santa Catharina de Evora; e passado tão longo periodo, não obstante os grandes abalos que, ha cincoenta annos a esta parte se tem sentido e experimentado: a sua obra persiste ainda, assim com grande proveito dos que, segundo as circumstancias, se acolhem ao asylo de tão illustre casa religiosa, com edificação do povo, que concorre ás funcções sagradas.

O culto interno, ou os exercicios do coro são desempenhados com a mais severa regularidade. O tempo das horas canonicas está regulado de maneira, que lhes não permitte distracções; mas apenas occa-

são nos intervallos para cuidarem de outros que a regra lhes impõe. No verão as Religiosas levantam-se ás 5 horas e meia, quando dá signal o sino da torre, e logo se dirigem para o coro, onde rezam Prima. A pausa com que recitam esta parte das horas canonicas revela o recolhimento interior, e a devoção com que se conduzem em tão importante dever. Segue-se logo a communhão, todos os dias, que é administrada com algum apparato. Quando o Celebrante tira o Santissimo do Sacrario, que está em uma capella superior ao pavimento do coro, dá-se signal, e as Religiosas começam a cantar o *Tantum ergo*, logo que o Ministro chega á grade do coro depozita o vaso sobre uma especie de altar, e debaixo de um docel, que sempre antes da hora marcada alli é armado, e começa a ministrar-se a communhão: acabada esta o coro canta a strophe do Hymno *Sacris Solemniis: Panis Angelicus*, e o Celebrante se retira com o SS. para o Sacrario. Por esta occasião ha sempre algumas pessoas de fóra, que commungam, e o mesmo acontece muitas vezes á Missa conventual, que se segue immediatamente, a que concorre um bom numero de fieis (*c*). A's 9 horas e meia rezam Tercia e Sexta. A' uma hora da tarde rezam Noa, que é seguida de meia hora de oração mental; ás tres horas da tarde Vesperas e Completas nos dias mais solemnes. A's cinco horas, excepto os dias designados, rezam Completas, a que se segue a oração mental. A's seis da tarde começam Matinas até ás sete, quando tem logar a collação, e depois desta as devoções particulares até ás dez horas da noite, quando se dá signal para se recolherem. E assim constantemente. Todas as horas do Officio Divino começam e acabam sempre com o *Tantum ergo*.

Exposição particular do Santissimo.

Duas vezes no anno, a 9 de Julho, festa da fundação da casa, e na Terça feira do Espirito Santo, ha exposição do Santissimo, só privativa das Religiosas, e que ninguem póde observar, ainda que entre na Egreja. E' pelo modo, e no logar seguintes. Em frente do antecoro, casa de grande capacidade, ha uma imagem de Christo crucificado em vulto muito grande, e na abertura da chaga do lado, que fica na altura do Sacrario da Capella exterior, d'onde se administra a Communhão todos os dias, está um globo que gira verticalmente, este tem um segmento onde se colloca, como na custodia, a hostia; na occasião da exposição faz-se dar meio giro sobre o eixo, e o lado delle, côr de sangue, que figurava como a chaga, fica voltado para dentro do Sacrario, a hostia fica exposta na abertura do mesmo lado. São estes dias solemnissimos, sobretudo o primeiro, que é como monumental, e commemorativo do dia em que as fundadoras prestaram assim os primeiros cultos ao dador de todos os bens.

Administração da Eucharistia ás enfermas.

Quando alguma Religiosa adoece grave, posto que não perigosamente, nem por isto fica privada da frequencia dos Sacramentos. Regularmente, segundo as commodidades que se offerecem, é-lhe levada a Sagrada Eucharistia, ou de oito em oito, ou de quinze em quinze dias, o que se pratica com grande apparato. Reunida toda a Communidade no coro em fórma de procissão, e todas cobertas umas com véo preto, e outras com véo branco, entra o Ministro, que depois de incensar o Santissimo, que está no lo-

gar que se lhe arma todos os dias para a communhão, recebe-o d'alli, e permanecendo em pé defronte da Communidade entôa o *Te Deum*: as Religiosas cantam alternadamente, e o Ministro se conserva no mesmo logar em quanto as Religiosas não acabam de fazer duas a duas a adoração profunda ao Santissimo; acabada esta dirige-se para a enfermaria, administra a communhão, e concluida ella a Communidade segue depois para o coro na mesma ordem, onde se fecha, e o Sacerdote, sempre acompanhado de outro, ou do Sacristão, se ausenta.

Quando é mister levar o sagrado Viatico segue-se este mesmo regulamento, só com a differença que em logar do *Te Deum*, o Sacerdote ministrante entôa o versiculo do primeiro Psalmo penitencial, que as Religiosas continuam a cantar, e os que se lhe seguem até a enferma receber a sagrada Eucharistia.

Sendo mister administrar a Extrema-Unção, então começa um extremo de dedicação das Religiosas para com sua irmã em perigo. Todas são obrigadas a permanecer em silencio junto da enferma até que ella expire; e não podem ausentar-se sem licença expressa da Prelada, ou para o cumprimento de deveres a que a Regra obriga. E' este um dos mais edificantes deveres de piedade, e ao mesmo tempo de grande allivio e conforto nos ultimos momentos da agonizante. Ella, que foi recebida pela Communidade, quando quiz fugir aos perigos e vaidades do mundo perfido, e enganador; agora reconhece as vantagens da sua determinação, e o proveito de tantos sacrificios, vendo em torno de sua pobre cama, Irmãs que não cessam de dirigir supplicas a Deus, para que lhe assista com a graça de uma morte feliz, que a faça ir participar logo da bemaventurança eterna. E muitas orações a acompanham para a eternidade, porquanto, logo que espira começam estas com novo fervor, e se dá signal para que as suas companhei-

ras, que outros deveres conservavam ausentes d'alli, a encommendem a Deus. Horas mais tarde tem logar os suffragios da Regra, a que não faltam por muito tempo outros da devoção especial de cada Religiosa. Ainda ha um costume nesta casa o mais digno de attenção e de memoria. Por espaço de um mez o logar da finada no refeitorio não se considera vago: alli se lhe põe o jantar, como se existisse ainda, e quando todas as Religiosas se levantam da meza, vem a Prelada á porta do Mosteiro acompanhada das porteiras, e faz entrega do jantar da finada a uma das creadas da Roda, que tem ordem de mandal-o ao pobre que se julgar mais necessitado. Esta esmola, bem se sabe, é por intenção da Religiosa fallecida.

Culto Externo.

Os principaes dias solemnes em que ha festas são a 24 de Março, Instituição do Santissimo Sacramento (*d*), Desaggravo de Palmella (*e*), Lausperenne no mesmo dia do Corpo de Deos, 4 de Agosto, dia de S. Domingos, e ainda outras, que não são pertencentes á Communidade.

O culto mais frequente, regular e proveitoso é o de todas as Quintas feiras do anno, das oito ás nove da noite, conhecido em Lisboa simplesmente com o nome de — Hora. — Nestes dias, a que, especialmente de inverno, a concorrencia é tanta, que chega a encher-se a Egreja, ha sempre uma Pratica sobre qualquer ponto de Moral, ou de Dogma, que começa ás sete e meia; em seguida a esta expõe-se o Santissimo no throno, e as Religiosas cantam — *O salutaris hostia:* — acabado este verso, começam a recitar as adorações e supplicas em numero de 24, e no intervallo dellas cantam o *Bemdito*, acompanhado a orgão, a que responde todo o povo: concluidas as

adorações, segue-se o Cantico do novo Hymno de Nossa Senhora da Conceição, obra, tanto a lettra como a musica, do Sr. Beneficiado Malhão. Só quem assiste a este religioso exercicio poderá sentir, mas talvez não descrever, a sublime e nobre impressão, que produzem os versos admiraveis do nosso Orador, e Poeta, sobre tudo a antepenultima strophe, cantada tanto do fundo d'alma:

Terna Mãi dos Portuguezes,
Formosa flôr de Jessé,
Conserva o archote da Fé
Na terra a ti consagrada..

As Religiosas cantam, acabado este Hymno, a antiphona — ***Tota pulchra***, o ***Pange lingua***, e ***Tantum ergo***, e implorando por tres vezes a misericordia divina com outro Cantico bem harmonioso, se encerra o Santissimo, e termina a Hora.

Taes são os exercicios, e bons exemplos das Religiosas do Mosteiro do Sacramento. A conservação de um tal culto, como do de outros Conventos, é de absoluta necessidade. Os Portuguezes assim o devem entender, para seu proveito espiritual e temporal, porque Deus ouve as supplicas das almas justas (*f*).

Temos dado um resumo do Culto externo na Egreja do Sacramento, que se não distingue do que se observa em outras muitas partes, senão pela maior decencia, e respeito na Egreja, porque nesta não se permittem irreverencias de qualidade alguma, sem que logo sejam castigadas com alguma censura directa, ou indirectamente.

NOTAS.

(*a*)

Reis de Portugal.	Casas Religiosas fundadas em seus reinados.	Logares.
D. AFFONSO HENRIQUES	S. Martinho do	Couto.
	N. S. d'Assumpção	Semide.
	Santa Maria	Alcobaça.
	Santa Maria	Tamarães.
	Santa Maria	Ceiça.
	Santa Maria	Serra da Estrella.
	N. S. da Graça	Lisboa.
	S. Pedro das Aguias	Aguias.
	Santa Maria de	Aguiar.
	S. Bento de Castri	Districto de Evora.
D. SANCHO I.	Santa Maria	Meiceirado.
	S. Felix	Chellas.
D. AFFONSO II.	N. S. d'Assumpção	Pena Firme.
	Santa Maria	Arouca.
	Santa Maria	Cellas.
	N. S. das Neves	Monte Junto.
	N. S. de Oliveira	Santarem.
	S. Damingos	Coimbra.
	S. Francisco	Lisboa.
	S. Francisco	Porto.
	S. Francisco	Alemquer.
	S. Francisco	Coimbra.
	Santissima Trindade	Santarem.
	Santissima Trindade	Lisboa.

Reis de Portugal.	Casas Religiosas fundadas em seus reinados.	Logares.
D. SANCHO II.	S. Francisco	Santarem.
	N. S. dos Fieis de Deus	Porto.
	S. Domingos	Lisboa.
D. AFFONSO III.	N. S. do Carmo	Moura.
	N. S. das Neves	Guimarães.
	N. S. dos Martyres	Elvas.
D. DINIZ.	Santo Eloy	Lisboa.
	S. Domingos das Donas	Santarem.
	Santa Clara	Lisboa.
	Santa Clara	Coimbra.
	S. Francisco	Guimarães.
	S. Francisco	Beja.
	Santa Clara	Villa do Conde.
	S. Diniz	Odivellas.
	Santa Maria	Almoster.
	S. Domingos	Evora.
D. AFFONSO IV.	*Corpus Christi*	Villa Nova de Portimão.
	S. Francisco	Tavira.
D. PEDRO I.	Santo Agostinho	Torres Vedr.
	S. Francisco	Ponte de Lima.
D. FERNANDO.	N. S. da Consolação	Alferrara.
	Santo Antão	Vald'Infante.
D. JOÃO I.	S.ta Maria do Mosteiro	Valença (a 2 legoas de)
	Santa Maria da Insoa	Caminha (concelho de)
	S. Francisco de Orges	Vizeu (termo de)
	Santa Maria do Carmo, e Salvador	Lisboa.
	N. S. da Victoria	Batalha.

Reis de Portugal.	Casas Religiosas fundadas em seus reinados.	Logares.
D. JOÃO I.	S. Domingos	Bemfica.
	N. S. da Misericordia	Aveiro.
	N. S. da Piedade	Azeitão.
	N. S. das Virtudes	Azambuja.
	S. Paio do Monte	Villa Nova da Cerveira.
	S. Jeronymo	Penha Longa
	S. Jeronymo do Mato	Alemquer (concelho de)
	Santa Cruz	Rio Mourinho.
	Santa Margarida	Evora (junto a)
	N. S. da Rosa	Caparica.
	S. Paulo	Elvas.
	N. S. da Luz	Monte Claro.
	S. Paulo	Portel.
	N. S. do Amparo	Val Bom.
	SS. Trindade	Cintra.
D. DUARTE.	N. S. da Piedade	Azeitão.
	Santa Christina	Tentugal.
D. AFFONSO V.	Santo Antonio	Castanheira.
	Santa Anna	Collares.
	S. Bento	Xabregas.
	N. S. da Luz	Pedrogão Grande.
	Jesus	Aveiro.
	N. S. da Conceição	Matosinhos.
	N. S. da Ribeira	Cernachelle.
	Santa Iria	Thomar.
	S.to Antonio de Varatojo	Torres Vedras.
	N. S. d'Ajuda	S. Marcos.
	N. S. da Consolação	Serpa.

Reis de Portugal.	Casas Religiosas fundadas em seus reinados.	Logares.
D. AFFONSO V.	S. Francisco	Caria.
	S. Francisco dos Villares	Marialva.
	Santa Catharina	Santarem.
	N. S. da Luz	Carnide.
	Santa Maria de Jesus	Xabregas.
	S. Bernardino	Atouguia.
	N. S. da Conceição	Braga.
	Santa Clara	Evora.
D. JOÃO II.	N. S. das Reliquias	Vidigueira.
	N. S. dos Anjos	Montemor o Velho.
	Santa Monica	Evora.
	N. S. da Consolação	Porto.
	N. S. dos Campos	Montemor o Velho.
	Jesus	Setubal.
D. MANUEL.	N. S. da Graça	Evora.
	Santa Anna	Vianna.
	S. Bento	Porto.
	S. Bernardo	Porto Alegre.
	S. Antonio do Pinheiro	Chamusca.
	N. S. da Consolação	Abrantes.
	N. S. da Serra	Almeirim.
	Santa Anna	Leiria.
	N. S. da Saudação	Montemor o Novo.
	N. S. do Paraiso	Evora.
	N. S. da Roza	Lisboa.
	Santo Onofre	Gollegã.
	N. S. da Subserra	Castanheira.
	N. S. da Consolação	Borba (concelho de)
	S. Francisco	Elvas.
	SS. Trindade	Lagos, Lousã

Reis de Portugal.	Casas Religiosas fundadas em seus reinados.	Logares.
D. MANUEL.	Madre de Deus	Lisboa.
	Bom Jesus	Monforte.
	N. S. da Esperança	Villa Viçosa.
	Assumpção	Faro.
D. JOÃO III.	N. S. da Graça	Castello Branco.
	N. S. da Graça	Tavira.
	Santa Cruz	Villa Viçosa.
	S. Bento	Porto.
	S. Bento e Espirito S.to	Coimbra.
	N. S. do Soccorro	Alagoa no Algarve.
	N. S. da Esperança	Beja.
	N. S. da Assumpção	Arraiolos.
	S. Domingos	Villa Real.
	S. Gonçalo	Amarante.
	N. S. da Esperança	Alcaçovas.
	S. Martinho	Mancellos.
	S. João Baptista	Setubal.
	N. S. da Consolação	Elvas.
	N. S. da Graça	Abrantes.
	S.ta Catharina de Sena	Evora.
	Espirito Santo	Cartaxo.
	Santo Antonio de Ferreirim	Tarouca.
	Santo Antonio	Figueira.
	N. S. da Encarnação	Villa do Conde.
	N. S. da Esperança	Lisboa.
	Madre de Deus	Miragaia.
	N. S. do Sepulchro	Trancoso.
	N. S. do Couto	Gouvêa.
	N. S. da Piedade	Braga.
	N. S. da Esperança	Abrantes.

Reis de Portugal.	Casas Religiosas fundadas em seus reinados.	Logares.
D. JOÃO III.	N. S. da Consolação	Figueiró.
	N. S. da Conceição	Alemquer.
	N. S. da Conceição	Valle Bemfeito.
	S. Jeronymo	Coimbra.
	Santo Antonio	Porto Alegre.
	Bom Jesus do Valle Verde .	Evora (a legua e meia de)
	S. Francisco	Portel.
	N. S. da Assumpção	Vidigueira (perto da)
	Santo Antonio	Loulé.
	N. S. da Esperança	Villa Nova de Portimão.
	Santo Antonio	Aveiro (perto de)
	Santo Antonio	Abrantes.
	N. S. do Seixo	Covilhã.
	Santissima Trindade	Coimbra.
	Santo Antonio	Alcacer do Sal.
	N. S. dos Martyres	Alvito.
	N. S. da Visitação	Villa Verde.
	S. Francisco	Moura.
	Santo Antonio	Odemira.
	As Chagas	Villa Viçosa.
	N. S. da Conceição	Elvas.
D. SEBASTIÃO.	N. S. da Luz	Arronches.
	Santo Agostinho	Leiria.
	N. S. da Graça	Loulé.
	Santa Cruz	Cintra (concelho de)
	N. S. da Piedade	Caparica.

Reis de Portugal.	Casas Religiosas fundadas em seus reinados.	Logares.
D. SEBASTIÃO.	N. S. da Conceição	Alferrara.
	Espirito Santo	Loures.
	N. S. dos Anjos	Torres Vedras.
	S.ta Maria Magdalena	Alcobaça.
	Bom Jesus	Viseu.
	Santo Antonio	Lisboa.
	Santo Antonio	Penella.
	N. S. do Loreto	Tancos.
	S. Francisco	Villa Real.
	S. Francisco	Lamego.
	S. Gregorio Magno	TorresNovas.
	N. S. da Conceição	Lagos.
	Espirito Santo	Feira.
	Santa Cruz	Vianna.
	S. Sebastião	Setubal.
	S. Paulo	Almada.
	Santo André	Ansede.
	Santo Thomaz	Coimbra.
	N. S. da Assumpção	Moura.
	Santo Antonio	Trancoso.
	Santa Anna	Lisboa
	N. S. da Misericordia	Caminha.
	Madre de Deos	Vinhó.
	N. S. dos Poderes	Vialonga.
	S. Francisco	S. Vicente da Beira.
	Santo Antonio	Porto Alegre.
	S. Francisco	Lagos.
	Santo-Antonio	Abrantes.
	N. S. da Caridade	Sardoal.
	Santo Antonio	Castello Branco.
	Santo Antonio	Pena Macor.

Reis de Portugal.	Casas Religiosas fundadas em seus reinados.	Logares.
D. SEBASTIÃO.	N. S. da Esperança	Belmonte.
	S. Francisco	Monção.
	N. S. da Conceição	Messejana.
	N. S. do Soccorro	Alcochete.
	N. S. dos Martyres	Sacavem.
	S.ta Helena do Calvario	Evora.
D. HENRIQUE.	S. Paulo	Evora.
	Santa Martha	Lisboa.
FILIPPES.	Santo Agostinho	Porto.
	Santo Agostinho	Lisboa.
	N. S. do Populo	Braga.
	N. S. da Penha de França	Lisboa.
	N. S. da Piedade	Lamego.
	Santa Monica	Lisboa.
	Santa Anna	Coimbra.
	Madre de Deos	Verderema.
	Santa Catharina	Ribamar.
	N. S. da Conceição	Arouca.
	S. Miguel	Gaciras.
	Santo Antonio	Torres Vedr.
	Santa Maria de Jesus	Val de Figueira.
	Santo Antonio	Santarem.
	N. S. da Piedade	Salvaterra.
	S. Bento	Murça.
	Santa Escholastica	Bragança.
	N. S. da Purificação e Salvador	Moimenta da Beira.
	Scala Cœli	Evora.
	Vallis Misericordiæ	Laveiras.
	S.to Antonio da Estrella	Coimbra.
	Santo Antonio	Vizeu.

Reis de Portugal.	Casas Religiosas fundadas em seus reinados.	Logares.
FILIPPES.	Santo Antonio	Serem.
	Santo Antonio	Caminha.
	S. Romão	Alverca.
	N. S. do Soccorro	Camarate.
	N. S. da Natividade	Tentugal.
	N. S. dos Remedios	Lisboa.
	N. S. da Piedade	Cascaes.
	N. S. do Carmo	Figueiró.
	S. José	Coimbra.
	N. S. dos Remedios	Evora.
	N. S. do Carmo	Aveiro.
	N. S. do Carmo	Porto.
	Santa Cruz	Bussaco.
	Santo Alberto	Lisboa.
	N. S. do Amparo	Villa Real.
	Santissimo Sacramento	Louriçal.
	S. Luiz	Pinhel.
	As Chagas	Lamego.
	O Salvador	Evora.
	N. S. da Conceição	Braga.
	Collegio de Santo Agostinho	Coimbra.
	S. Theotonio	Vianna.
	Collegio de S. João Evangelista	Coimbra.
	Santissimo Sacramento (Dominicas)	Lisboa.
	N. S. da Olma (a tres leguas de)	Viseu.
	N. S. do Bom Successo	Lisboa.
	S. Francisco	Thomar.
	Santa Catharina	Alemquer.
	Calvario	Lisboa.
	S. João de Deus	Monte-mór o Novo.

Reis de Portugal.	Casas Religiosas fundadas em seus reinados.	Logares.
FILIPPES.	Paulistas	Souzel.
	Santo Antonio	Alter do Chão
	Santo Antonio	Fronteira.
	Santo Antonio	Estremoz.
	Santo Antonio	Redondo.
	Santo Antonio	Beja.
	Santo Antonio da Esperança	Tavira.
	Santo Antonio	Faro.
	Santo Antonio	Ourem.
	S. Francisco	Chaves.
	S. Francisco	Arraiolos.
	N. S. da Conceição	Castello de Vide.
	Santo Antonio	Lourinhã.
	Santo Antonio	Crato.
	Santo Antonio	Torrão.
	S. Francisco	Mertola.
	Santo Antonio	Estombar.
	Santa Clara	Moura.
	N. S. da Quietação	Lisboa.
	N. S. das Servas	Borba.
D. JOÃO IV.	Santo Antonio	Leiria.
	Collegio de N. S. da Conceição	Alcobaça (perto de)
	N. S. da Nazareth	Lisboa.
	N. S. do Carmo	Setubal.
	N. S. do Carmo	Vianna.
	Santa Thereza	Santarem.
	N. S. do Carmo	Adolhano.
	Santa Thereza	Setubal.
	Corpus Christi	Lisboa.
	Santa Thereza	Carnide.

Reis de Portugal.	Casas Religiosas fundadas em seus reinados.	Logares.
D. JOÃO IV.	S. João Evangelista	Aveiro.
	Santa Clara	Vinhaes.
	Santo Crucifixo	Lisboa.
	N. S. da Penha de França	Braga.
	S. Luiz	Monte-mór o Velho.
	N. S. da Gloria	Moura.
	Santissimo Sacramento (Religiosas Paulistas)	Lisboa.
	N. S. da Annunciada	Thomar.
	Santo Antonio	Guimarães.
	S. Francisco	Barcellos.
	Santo Antonio	Arrifana de Sousa.
	N. S. da Conceição	Marvilla.
D. PEDRO II.	N. S. das Mercês	Evora.
	N. S. da Conceição	Monte-mór o Novo.
	N. S. da Boa Hora	Lisboa.
	N. S. da Piedade	Santarem.
	Bom Jesus	Porto de Móz.
	N. S. da Assumpção	Sobreda.
	N. S. da Orada	Monsaraz.
	N. S. da Assumpção	Tahoza.
	S. José	Sernache.
	S. Bento	Arcos de Val-de-Vez.
	S. José	Guimarães.
	S. João da Cruz	Carnide.
	S. José e Maria	Porto.
	N. S. dos Anjos	Chaves.
	N. S. da Conceição	Carnide.
	Santo Antonio	Porto.

Reis de Portugal.	Casas Religiosas fundadas em seus reinados.	Logares.
D. PEDRO II.	N. S. da Assumpção	Viseu.
	N. S. da Assumpção	Braga.
	N. S. da Conceição	Estremoz.
	Santa Rosa	Guimarães.
	A Madre de Deus	Guimarães.
	S. João de Deus	Estremoz.
	N. S. da Conceição	Castello de Lisboa.
	S. João de Deus	Olivença.
	Santo André	Monte-mór o Novo.
	S. João de Deus	Lagos.
	N. S. dos Anjos	Brancanes.
	N. S. da Soledade	Borba.
	N. S. do Soccorro	Chaves (perto de).
	N. S. da Conceição	Almodovar.
	N. S. das Flôres	Sefulse.
	Santissima Trindade	Setubal.
	N. S. do Livramento	Alcantara (Lisboa).
D. JOÃO V.	Santo Antonio	Villacova.
	Santa Apolonia	Lisboa.
	N. S. da Conceição	Arrifana de Sousa.
	N. S. das Necessidades	Alcantara.
	N. S. do Alcance	Mourão.
	N. S. de Jacaparte	Alfaiates.
	N. S. do Castello	Monfurado.
	N. S. dos Remedios	Campolide.
D. JOSÉ.	N. S. dos Anjos	Grandola.
	Jesus Maria	Coimbra.
	Santa Rita	Lisboa.
	Santa Thereza	Coimbra.

Reis de Portugal.	Casas Religiosas fundadas em seus reinados.	Logares.
D. JOSÉ.	S. Pedro	Arronches.
	O Senhor Jesus da Boa Morte	Lisboa.
	N. S. do Balsemão	Chacim.
	S. Francisco de Paula	Lisboa.
	Santo Antonio Enferm.	Porto.
D. MARIA I.	O Convento do Coração de Jesus	Lisboa.
D. JOÃO VI.	Admittiu os Ligoristas Italianos, a que deu o Convento de S. João Nepomuceno. Lisboa.	
	Decretou a fundação de umas Irmãs da Caridade portuguezas. Lisboa.	
O SENHOR D. MIGUEL DE BRAGANÇA.	Admissão dos Jesuitas em Lisboa e Coimbra.	
D. MARIA II.	Estabeleceu no Convento do Rego as Servitas de N. S. das Dôres, que ha mais de trinta annos se viam sem uma casa propria (1).	

O SENHOR D. PEDRO V.

Admissão das Irmãs da Caridade francezas, que dirigem seis Collegios de Meninos e Meninas. Lisboa. 1.° Collegio. — No seu Palacio d'Ajuda. — 2.° Aos Cardaes de Jesus. — 3.° Na rua de S. José. — 4.° Asylo na Freguezia dos Anjos. — 5.° Oeiras, Colle-

(1) A Senhora D. Maria II, se lhe não coube a gloria de fundar conventos, como fizeram os seus Augustos Predecessores, merece todavia a sua memoria ser tida na mais respeitosa consideração, porque não obstante a decidida vontade de alguns de seus Ministros, e Conselheiros, para extinguirem os conventos das Religiosas, nunca o poderam conseguir. Se não fundou, conservou os conventos que hoje existem.

gio de educação. — 6.º Vianna. — Alemtejo. — Porto, estabelecimento das Irmãs no Hospital de S. Francisco.

(b)

Muitas e bem tristes tem sido as privações a que se tem visto expostas as Religiosas do Sacramento, que sem a menor duvida teriam morrido de fome, a não serem protegidas pela caridade dos Fieis, entre os quaes devemos fazer menção da Rainha a Senhora D. Maria II, que, por occasião do nascimento de Sua Magestade o Senhor D. Pedro V, as soccorreu com uma boa esmola, e ultimamente o mesmo Augusto Senhor, pela graça de designar a Egreja do Mosteiro para nella serem recebidos os dois Lausperennes que se não poderam realizar na Capella do Paço, por causa das obras que ainda alli duram; Sua Magestade o Senhor D. Fernando, por algumas vezes, e tambem Sua Magestade Imperial. Igualmente muitos dos Fidalgos da Capital tem acudido ás necessidades das Religiosas, e outras pessoas de nobres e caritativos sentimentos. Não devemos omittir aqui o grande zelo com que promoveram esmolas, excitando a caridade dos Fieis os jornaes, *o Direito*, no Porto, e *a Imprensa*, em Aveiro.

Agora seja-nos permittido apresentar a causa unica de tal estado de pobreza. O Mosteiro do Sacramento estava sufficientemente dotado para conservar assim o culto na Egreja, como para occorrer a todas as despezas indispensaveis. As suas rendas principaes consistiam no juro de dezesete Padrões, que lhe rendiam todos os annos a somma de 885$254 rs.; mas vai para 25 ou 30 annos, que o Governo assentou não dar-lhes um só real, assim como a outras casas com estes fundos! Eis a causa por que as Religiosas do Sacramento se vêem precisadas a recorrer á caridade dos bons e generosos portuguezes para se irem alimentando.

(*c*)

A seguinte estatistica melhor dará a conhecer a frequencia da communhão no Sacramento:

Communhões das Religiosas. 1858 Abril.		1.ª Com. do povo em seguida.	2.ª á Missa.
20	11	6	
21	9	2	
22	8	11	
23	10	9	
24	12	9	
25	19	16	
Maio.			
7	5	10	
8	6	6	
9	22	10	
Julho.			
4	6	16	12
24	8	4	2
30	6	4	2
31	8	3	8 *
Agosto.			
1	15	11	5
2	11	9	6
	156	126	35

O que se pratica nos dias que deixamos indicados, se realiza em todos os outros do anno, sem interrupção de um só. Pela estatistica acima, que ora varia para menos, ora para muito mais, attentas as festas principaes, e vigilias dellas, em que as confissões duram toda a manhã, e se seguem repetidas vezes as communhões, podemos assegurar, que durante o anno ha por mez, termo medio, 640 communhões, por anno 7:680 communhões.

Os desvairados poderão chamar a isto fanatismo; mas o Evangelista S. Lucas não omitte, quando faz menção do fervor dos primeiros Fieis, a com-

munhão diaria a que elles recorriam, e que tanta força lhes dava para confessarem publicamente a Fé na presença de inimigos, tanto ou pouco menos crueis que os do seculo presente. Já deixamos citado este logar na vida de Santa Stephania.

(d)

A primeira solemnidade em acção de graças por se ter obtido de Roma a Festa da *Instituição do Santissimo Sacramento* foi a 26 de Novembro de 1781. Assistiram a ella a Senhora D. Maria I, e o Senhor D. Pedro III, e bem assim os Principes.

(e)

Sua Alteza Real a Senhora Infanta D. Isabel Maria, antiga bemfeitora do Mosteiro, concorre com as despezas do culto neste dia de Desaggravo pelo desacato nesta villa.

(f)

Não póde saber-se qual será o futuro das Communidades que hoje existem em Portugal; mas convem lembrar aqui, que as Religiosas devem a todo o custo fazer valer os seus direitos, e não permittir que elles sejam tidos em menos consideração, quer seja pela auctoridade civil, quer ecclesiastica, portando-se esta como instrumento daquella. Sejam quaesquer que forem os trabalhos por que ainda tenham de passar as Religiosas, é certo que ellas devem cuidar em salvar o seu Instituto no meio da tempestade em que se acham, admittindo o maior numero de pupilas, que aprendam as tradições da Ordem, e a sã disciplina.

Não ha lei nenhuma que a isto se opponha; e fazendo-o ellas assim: sendo muito provavel que o

Governo venha a melhor acordo, porque o exemplo das Nações cultas do mundo, em que as profissões são admittidas e respeitadas, deverá determinal-o, pelo menos á tolerancia a este respeito; então nos Conventos haverá um pessoal habilitado para continuar o mesmo Instituto.

Supponhamos ainda o peior: que o Governo n'um momento de delirio as expulsa de suas Casas: nestas circumstancias as infelizes terão a seu favor a caridade do povo, que as protegerá por todos os meios possiveis. Se lhes forem tirados os Conventos, que são seus, e exclusivamente seus, não faltarão casas, que se possam arrendar, e alli viverem em commum, como se fossem uma familia particular.

Aqui lhe damos um exemplo não muito antigo. Uma excellente Senhora em 1822 intentou fundar em Lisboa um Collegio de moças arrependidas, para desvial-as do caminho do erro: não tinha meios, mas tinha verdadeiro espirito, e este lhe bastou. A principio habitou com a sua nascente communidade em tres diversas casas muito acanhadas. Passados annos viu-se obrigada a arrendar outras na rua do Patrocinio, Freguezia de Santa Isabel, pela somma de trinta moedas: e para esta renda não faltaram esmolas. Havia porém aqui a supportar uma grande contradicção, e era, que as Recolhidas tinham de sahir fóra para assistirem á Missa. Não havia um real para os vasos de prata, e os paramentos necessarios; todavia Maria do Carmo fallou, ou pediu, e logo appareceram esmolas em diversos objectos, e foi improvisada uma Capella provída com decencia de tudo quanto era necessario, e nella se celebrou Missa a 15 de Setembro de 1822.

Mas esta casa já não podia ser bastante para conter o crescido numero das Recolhidas: á proporção que ellas se distinguiam pelo seu porte decente, regular edificante, a caridade não as abandonava;

antes se interessava cada vez mais, e foi por isto que Maria do Carmo lhes pôde alugar o palacio do Conde da Cunha, na rua das Chagas, Freguezia de Santa Catharina, onde viveram por muito tempo.

Com os acontecimentos de 1834 esta Communidade foi dissolvida; mas dando-se nas convertidas o verdadeiro espirito de arrependimento, e o desejo efficaz de viverem em commum na companhia de sua fundadora, poderam conseguir o reunirem-se de novo.

A maior difficuldade com que lutavam era a renda de casas com as commodidades necessarias, e para removel-a, já em 1822 tinham requerido ao Senhor D. João VI, a quem foi entregue o Requerimento por Sua Alteza a Senhora Infanta D. Isabel Maria; não houve resultado nenhum. Finalmente, porque havia sempre perseverança da parte das Recolhidas, e o seu comportamento edificante attrahia as attenções de todos, o Governo da Senhora D. Maria II decretou, que ellas fossem recolhidas no magnifico edificio do Rego, onde hoje se conservam entregues á pratica da mais austera virtude, como sabemos de pessoa insuspeita.

Ora aqui temos uma regra de conducta, que podem abraçar as Religiosas, ou as pupilas, se em algum momento vertiginoso o Governo as expulsar. E aqui vemos tambem como o Governo veio a melhor acordo, depois de tanto abandono. Não cremos, que a vocação destas Religiosas seja tão fraca, que dependa de uma casa com todas as commodidades, não: alguma casa pobre lhes bastará, e alli ha de ir soccorrel-as a caridade do povo portuguez. E devemos advertir, que se por um lado perderem commodidades, por outro lado lucram mais liberdade: alli não estão sujeitas nem a exigencias do Governo, nem a certos informes da auctoridade Ecclesiastica, que talvez com menos prudencia se tenha excedido, no estado actual das cousas.

Por esta occasião não podemos deixar de lembrar ás Religiosas, qual é o estado das suas companheiras na Belgica. Ha actualmente neste pequeno Reino oitocentos e doze conventos de Religiosas, ora sabem as nossas quantos destes são reconhecidos pelo Governo? Sómente cento e trinta e cinco: a maioria delles, seiscentos e setenta e sete, vivem nos seus conventos, como qualquer familia em casa propria ou de renda, pagam os direitos, e assim estão livres de exigencias, muitas vezes imprudentes e illegaes.

Achamos muitas vantagens neste modo de existencia social. As Religiosas portuguezas tem a seu favor o Direito expresso na Carta Constitucional. Se acontecer que em algum tempo sejam intimadas para sahirem de suas casas, recusem-se formalmente a dar este passo de vergonhosa cobardia, e pusillanimidade: invoquem o seu Direito, e façam-no valer nos tribunaes. Se forem ameaçadas com arrombamento de portas, riam-se, e fechem a roda ou a grade, que é a melhor resposta que poderão dar, e vão para o coro implorar a protecção divina, com aquella oração de Santa Clara (em cujo dia escrevemos isto) vendo já cercado o seu convento pelos Mouros: *Ne tradas bestiis animas confitentes tibi:* Senhor, não entregueis ás bestas as almas que confessam o vosso nome. E a communidade de Santa Clara foi milagrosamente livre, sendo castigadas as bestas.

Se acaso por ordem do Governo clara ou occulta, directa ou indirecta, as portas de algum Convento forem arrombadas, e nesta occasião alguma Religiosa fôr maltratada, ferida ou morta; sabe o Governo (referimo-nos ao futuro, e não ao estado actual) o que poderá resultar do espectaculo de uma freira assassinada, transportada em algum carro pelas ruas de qualquer cidade do Reino, envolvida no habito, escorrendo ainda em sangue? ***Discite justitiam moniti*.....**

Tome tento o Governo: e neste logar tambem cabe o lembrar aos Senhores Bispos, em geral, que devem ser mais vigilantes e activos em defender as familias Religiosas, não se prestando cobardemente a tantas condescendencias, de que a historia um dia os ha de castigar com toda a severidade e rigor. Ella lhes applicará o que S. Bernardo dizia aos prelados do seu tempo, nestes termos: Quare non operamini justitiam? Quare non fugatis aciem gladii? Quare? Ratio in promptu est; *quia non Deo sed hominibus quæritis placere.* Vos non convaletis de infirmitatibus vestris, sed torpetis de ignavia vestra, nec de malefactoribus potestis facere justitiam. Quare? Quia nulla est virtus fortitudinis vestræ. *Sermo ad Past. in Synodo.*

OBSERVAÇÃO.

As Religiosas do Sacramento não tem parte alguma neste opusculo, nem directa, nem indirectamente. Consultámos muitos M.S. que nos foram ministrados, mas sem lhes declarar quaes eram as nossas vistas.

Ninguem absolutamente viu o nosso original, e isto por motivos que impediram Frei Luiz de Sousa a escrever mais largamente a historia do Mosteiro; por quanto ainda hoje a modestia se opporia a serem reveladas tantas demonstrações de zelo e religião. Esta difficuldade não deve ter hoje logar pela mudança de circumstancias; o silencio que guardámos pareceu-nos melhor.

FIM.

ERRATAS.

				Erros.	*Emendas.*
Pag.	23,	linha	16	parecerão	pareceriam
—	—	—	32	*on*	*ou*
—	39	—	26	dos que	das que
—	42	—	3	entoa	começa
—	—	—	4	cantam	continúam
—	—	—	15	entôa	recita
—	46	—	23	Vedr.	Vedras
-	48	—	36	Lagos, Lousã	Lagos.